

ANÁLISE DA SUSTENTABILIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO EM DUAS COMUNIDADES RURAIS, NOS MUNICÍPIOS DE ROCA SALES E VESPASIANO CORRÊA¹

Ivan Cesar Tremarin, Silvane Maria Pezzi, Alex Genessini²

Palavras-chave

Agricultura Familiar, sustentabilidade e sistemas de produção.

Introdução

A análise de sistemas de produção mostra-se como ferramenta promissora para abranger, de forma integrada e simples, os múltiplos aspectos sociais, ambientais e econômicos da agricultura familiar, permitindo formular estratégias e planos de ação para o desenvolvimento sustentável a partir das realidades concretas de cada tipo de agricultor.

Este trabalho analisa sistemas de produção familiar do Vale do Taquari (RS), nos municípios de Vespasiano Corrêa e Roca Sales, com o objetivo de definir potencialidades e limitações frente à sustentabilidade socioeconômica e ambiental dos mesmos.

Material e Métodos

O presente trabalho elegeu como objeto de análise dois sistemas agrários da região do Vale do Taquari (RS), referentes a duas comunidades de agricultores familiares: Mato Queimado, no município de Vespasiano Corrêa; e Fazenda Lohmann, em Roca

¹ Este trabalho inscreve-se entre as iniciativas de pesquisa da equipe multidisciplinar coordenada por Renato Maluf (CPDA/UFRRJ), que busca, através da análise de estudos de caso em diversas regiões do País, verificar a pertinência da noção *multifuncionalidade da agricultura* para o caso brasileiro. Em outubro e novembro de 2003, período em que foram coletados os dados comentados neste trabalho, a equipe gaúcha, coordenada por Renata Menasche (Uergs e Fepagro), era composta pelos pesquisadores Paulo Moruzzi Marques (PGDR/UFRGS), Leonardo Beroldt (Uergs), Osmar Tomaz (Uergs); pela graduanda em Ciências Sociais Ana Luiza Müller (UFRGS) e pelos graduandos da Uergs (Unidade de Encantado) em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial: Alex Genessini, Cândida Zanetti, Daniel Pedrotti, Idelmar Bertuzzi, Ivan Tremarin, Karin Lohmann Terhorst, Leila Schmitz, Lisiane Schaefer, Mônica Furlanetto e Silvane Pezzi. Cabe mencionar que no desenvolvimento da primeira versão do presente estudo contamos com as contribuições dos graduandos: Alex Genessini, Cândida Zanetti, Daniel Pedrotti, Idelmar Bertuzzi, Ivan Tremarin, Karin Lohmann Terhorst, Leila Schmitz, Silvane Pezzi e os professores: André Rodrigues Lima, José Antônio Schmitz Leonardo Beroldt, e Renata Menasche. Agradecemos pelo auxílio na construção deste trabalho aos professores: André Rodrigues Lima, José Antônio Schmitz, e Renata Menasche.

² Ivan Cesar Tremarin, Silvane Maria Pezzi, Alex Genessini, são estudantes do Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), Unidade de Encantado. Endereço para contato: Uergs/Encantado – R. Alegrete, 821 – Bairro São José – 95960-000 – Encantado – RS. E-mails: ivan-tremarin@uergs.edu.br, silvane-pezzi@uergs.edu.br, alex-genessini@uergs.edu.br

Sales. A análise empreendida pautou-se no enfoque sistêmico, com ênfase nos aspectos qualitativos, tendo sido comparadas e avaliadas as tipologias dos sistemas de produção, a sustentabilidade ambiental e socioeconômica da agricultura familiar, identificando potencialidades e limitações, bem como possíveis alternativas. Para alcançarmos estas premissas utilizamos como ferramenta básica o guia: “*Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários*” – *guia metodológico*, (INCRA/FAO, 1995), complementado com a utilização de indicadores de sustentabilidade, elaborados com base em trabalhos anteriores (MOURA,2002) e nos conceitos de sustentabilidade dos autores – (GLIESSMAN,2001, e ALTIERI,2002). Os métodos utilizados sofreram adaptações de acordo com a realidade estudada para melhor caracterizar as peculiaridades locais.

Nos aspectos socioeconômicos, foram avaliadas as possibilidades de continuidade em longo prazo e reprodução das unidades de produção, a partir dos seguintes indicadores: Renda Agrícola (comparada com o Nível de Reprodução Simples -NRS³), presença das novas gerações e a intenção de permanência das pessoas nas atividades agrícolas e seu nível de escolaridade.

Analisando os aspectos ambientais, foram utilizados indicadores que permitissem avaliar as possibilidades em longo prazo, da reprodução das funções da agricultura familiar (CARNEIRO; MALUF, 2003) e dos processos ecológicos dos ecossistemas em que estas se inserem. Observou-se a biodiversidade, através da variação de animais e vegetais, da quantidade de mata nativa; condições e técnicas de manejo do solo, uso de agrotóxicos, manejo de resíduos, qualidade da água e riscos para a mesma, e o saneamento.

Resultados e Discussão

Foram caracterizados e analisados 7 (sete) sistemas de produção, de acordo com a tabela abaixo.

SISTEMAS DE PRODUÇÃO	SIGLA
MILHO + SOJA + LEITE + SUÍNOS + AUTOCONSUMO	SP1
MILHO + SOJA + BOVINOS + LEITE + AUTOCONSUMO	SP2
AVES + LEITE + MILHO + AUTOCONSUMO	SP3
LEITE + MILHO + SOJA + AUTOCONSUMO	SP4
FUMO + LEITE + MILHO + AUTOCONSUMO	SP5
ÚVA + AVES + FUMO + MILHO + AUTOCONSUMO	SP6
FUMO + MILHO + SOJA+ AUTOCONSUMO	SP7

³ Equivalente a 12 (doze) salários mínimos anuais para cada membro adulto da família com dedicação integral à agricultura.

Os sistemas SP1, SP3 e SP6, que se diferenciam pela presença de atividades integradas de avicultura ou suinocultura, encontram-se consideravelmente acima do NRS, possuindo capital para giro e investimentos, são nesses sistemas que ocorrem maior permanência de jovens nas propriedades. Os sistemas de produção SP2, SP4 e SP7 atingiram o NRS, porém com pouca capacidade de novos investimentos e com baixo capital de giro, isso significa que essas unidades de produção têm poucas possibilidades de acumulação e problemas para superar momentos difíceis. Já o sistema SP5 encontra-se abaixo do NRS, descapitalizado, e sobrevivendo no campo devido a rendas não-agrícolas (aposentadorias e rendas provindas de atividades urbanas).

Em todos os sistemas, as atividades para autoconsumo contribuem significativamente para formação de renda, além de conferir maior segurança alimentar, de maneira mais autônoma em relação a mudanças na economia. A atividade para autoconsumo mantém uma boa diversidade de espécies agrícolas, com sementes próprias, podendo manter o genótipo dessas espécies. Nas produções para este fim predominam técnicas diferenciadas, sem a utilização de agrotóxicos.

Na totalidade dos sistemas, os filhos dos agricultores geralmente apresentam um grau de instrução superior ao de seus pais, porém não condizente com a realidade que têm de enfrentar, geralmente carecem de conhecimento técnico e de gestão. Constatou-se que há um forte abandono das atividades agrícolas pelos jovens, e a maioria dos pais afirmaram que não gostariam que seus filhos fossem agricultores.

No tocante à diversidade de espécies silvestres, em todos há área de mata nativa e capoeira, mesmo que seja em pequena quantidade em relação à área total das propriedades, o que ocorre nos sistemas que possuem soja e milho. Grande parte dos agricultores, afirmam que aumentaram os animais silvestres e as matas – isso ocorre nas propriedades em que os agricultores migraram para os centros urbanos, onde, em geral, os terrenos não são favoráveis à mecanização. Ainda segundo os agricultores, a variedade de flora tem permanecido igual.

Nas produções comerciais, que ocupam a maioria das áreas e tempo dos produtores, são utilizadas poucas práticas de conservação do solo, como plantio direto e o uso de adubo orgânico. Predominam técnicas da chamada agricultura convencional segundo o conceito de GLIESSMAN, (2001). Praticamente em todos os sistemas há o intenso uso de agrotóxicos, com as culturas do fumo, soja e milho. As embalagens e os

equipamentos são lavados nos arredores das residências, e juntamente com o uso de agrotóxicos podem estar comprometendo a qualidade das águas superficiais e rios, assim como a permanência das embalagens nas propriedades contribuem para aumentar a formação de resíduos no sistema.

Os dejetos dos animais são armazenados em esterqueira e posterior utilização em lavouras, e os dejetos humanos e águas usadas são destinados para fossas sépticas, condição que se mostra adequada. O abastecimento de água em todas as propriedades é de poços artesianos, sendo que as águas superficiais (pequenas fontes) deixaram de ser utilizadas, não aproveitando adequadamente esse recurso, o que pode futuramente comprometer o lençol freático devido ao uso elevado de água, principalmente nas criações de aves e suínos.

Apesar dos municípios serem distintos por diversos fatores (étnicos e geográficos), apresentam quatro grandes problemas em comum: o abandono das atividades agrícolas pelos jovens, a má conservação do solo, o elevado uso de agrotóxicos e algumas propriedades com baixa Renda Agrícola.

Na questão dos jovens, é necessária a realização de um estudo mais aprofundado com o objetivo de diagnosticar o motivo do êxodo e as perspectivas dos jovens com relação ao meio rural. Mudar o projeto pedagógico de ensino escolar, com disciplinas que valorizem e voltem o conhecimento para as atividades locais, isso aproximaria o jovem de sua realidade, além de fornecer um conhecimento com aplicação prática.

Considerando que todas as propriedades possuem atividade para o autoconsumo sem utilização de agrotóxicos, sendo que o mesmo não ocorre com as culturas comerciais, o que demonstra que os agricultores têm consciência dos danos que os agrotóxicos podem causar. Os agricultores quando questionados, propõem-se a preservar a natureza e mudar às práticas de manejo se fossem recompensados. Com isso, percebemos que novas práticas de manejo, que envolvem a agricultura sustentável, podem ter sucesso se estimuladas e promovidas adequadamente, obedecendo aos anseios dos agricultores.

Os produtos gerados por uma “nova agricultura” devem levar ao consumidor tudo o que está intrínseco a eles. Essa produção diminuirá o impacto negativo sobre o meio, além de promover o desenvolvimento da agricultura familiar, garantindo assim alimentos saudáveis à população, gerando benefícios diretos e indiretos para todo sistema.